

# NIGHT SHADE

O ÓDIO QUE NOS UNE

AUTUMN WOODS



OTHER  
SIDE



## AVISOS DE CONTEÚDO

Afogamento

Conteúdo sexual

Linguagem explícita


Depressão

Homicídio


Luto

Morte

Pensamentos suicidas



*Alguma vez sentiste que  
estavas a ser observado?*



*Tudo em excesso é veneno.*  
— Theodore Levitt



# NOTA DA AUTORA

MUITO OBRIGADA por teres escolhido *Nightshade*.

Este livro destina-se a um público com mais de 18 anos e inclui temas como homicídio, depressão, luto, afogamento, pensamentos suicidas, declínio da saúde de um dos pais e violência, assim como conteúdo sexual.

Este livro constitui a primeira metade de uma duologia, e a história de Ophelia e Alex será concluída num segundo livro.



# PRÓLOGO

## ANÓNIMO

Annalise era minha. O meu doce consolo. A minha rosa inglesa. Amava-a com um fogo incondescendente, um fogo que queimava por dentro.

Ela era minha e devia ter sido sempre minha.

O meu amor por ela era uma doença, e a doença não respeita limites. Não conhece leis nem arrependimento. Não quer saber quem pertence a quem; corta ramos de uma árvore genealógica sem pensar duas vezes.

E essa doença infiltrou-se na minha alma e por lá ficou, a apodrecer e a infetar na jaula que *ele* lhe construiu. Até isso corroer as grades e penetrar em todas as veias, músculos e ossos do meu corpo. Até restar apenas o monstro que ele sempre lhe dissera que eu seria.

Devia ter sido eu e Annalise até ao fim dos tempos. Ela deixaria tudo para trás e agarraria no meu coração em sangue até que as fendas comessem a fundir-se. Mas ela decidiu escolhê-lo. Annalise e a menina, ambas optaram por ele.

Annalise era o meu tesouro. O prémio que nunca mereci. Mesmo com os braços estendidos, sentia que ela nunca estaria ao meu alcance. E o que faziam os nossos antepassados com os tesouros que não podiam usar?

Enterravam-nos.

Foi o que eu fiz.

E Annalise continua a ser o que o destino ditou: para sempre minha.



# CAPÍTULO 1

## OPHELA

**N**a semana em que o meu pai foi assassinado, prometi-lhe que nunca mais meteria os pés na Universidade Sorrowsong.

Fiz-lhe muitas promessas, desde as mais triviais e comuns até às mais abstratas e emotivas. Que não deixaria a luz do meu quarto acesa, que seguiria todos os meus sonhos. Que não demoraria demasiado tempo a tomar banho, que preservaria sempre o meu amor-próprio.

Estar aqui representa a queda da última peça de dominó numa longa sequência de desilusões com que o brindei. Os portões da universidade estão diante de mim, o ferro forjado torcido num emaranhado desafia-me a dar mais um passo. As gaivotas que voam por cima da minha cabeça levam consigo os seus gritos tristes, cientes de que devem manter-se afastadas do castelo construído no vale à minha frente.

Sinto um arrepio percorrer-me o corpo quando uma névoa espessa se espalha sobre o lago à minha esquerda e o sol luta para nascer atrás do céu nublado.

Apesar do tempo, ainda consigo distinguir a inscrição por baixo do brasão da universidade.

*Scientia potentia est.* O conhecimento é poder.

O meu resfolegar emerge como uma mancha branca contra o ar frio. Não é um lema surpreendente para uma universidade. Só que Sorrowsong não lhe dá o mesmo significado que as outras universidades. Não se referem a curas para o cancro ou a formas mais rápidas de chegar à lua; falam de chantagem. Pastas trocadas em becos escuros e negócios conduzidos clandestinamente.

Sorrowsong é onde os homens e mulheres mais ricos do mundo são moldados em pequenos clones dos seus pais corruptos, e o ar ao meu redor cheira a potencial desperdiçado.

O saco de lona que contém todos os meus pertences, solta um suspiro ansioso quando o deixo cair aos meus pés para esfregar as marcas dolorosas que me deixou nos ombros. Para lá do uivo do vento e do barulho estranhamente reconfortante da chuva a bater nas folhas, consigo ouvir o zumbido distante de novos alunos como eu a atravessarem a ponte levadiça e a fachada do castelo. Já estou atrasada, mas à medida que os portões, por meio de um qualquer controlo invisível, se abrem com rangidos, sinto-me incapaz de os atravessar.

Sinto uma verdade deprimente a latejar no fundo da minha mente. Nem sequer quero estar aqui.

Mas não tenho alternativa.

Não fui abençoada com bifurcações na estrada; não fiquei no centro de uma encruzilhada a selecionar cuidadosamente o meu caminho. A vida conduziu-me a estes portões negros ornamentados. Cabe-me agora atravessá-los.

Há duas raparigas a viver dentro de mim: uma agarrada a uma réstia de esperança e outra que quer pegar fogo ao mundo. Uma puxa-me para trás, a outra para a frente.

Os meus pés não se movem.

Uma buzina estridente desperta-me do meu debate interno, a minha sombra espalha-se sobre o terreno acidentado à minha frente. Viro-me para encarar dois focos de luz brilhantes na chuva forte, que se aproximam a cada segundo que passa. Paralisada pelo pânico, fecho os olhos e preparo-me para o impacto.

Mas ele não chega, ouço apenas o guincho dos travões e sinto o toque suave do metal frio contra as minhas coxas. Abro um olho e o meu olhar fixa-se num... anjo? Uma mulher envolta em prata que se curva diante de mim.

*The Spirit of Ecstasy.*

A estatueta é delicada, quase laudatória, ao contrário do resto do Rolls-Royce Phantom clássico, que está a poucos centímetros de me esmagar no carreiro lamacento sob os meus pés. A névoa da chuva nos faróis esconde o motorista, mas a voz profunda e zangada que emerge da janela eriça-me os pelos da nuca.

— Mas que merda pensas que estás a fazer? Estás a *tentar* ir desta para melhor?

*Estou?* Talvez sim. Não posso negar que os meus esforços para atravessar as linhas do comboio e tirar os crumpets da torradeira têm sido cada vez mais desleixados.

— O que estou *eu* a fazer? Que ideia foi a *tua* de acelerares como um louco num caminho estreito com este nevoeiro? — grito-lhe, arrastando o meu corpo encharcado e as minhas malas para fora da estrada com um chafurdar pouco digno.

O Phantom preto avança um pouco, de modo que os espelhos retrovisores ficam alinhados com o meu corpo trémulo. Baixo-me para ver o motorista, com uma mão a proteger os olhos da chuva.

Sinto um aperto no estômago quando o vejo, e um sinal de alerta a piscar algures num lugar distante.

O homem ao volante não faz nada para acalmar o meu coração acelerado. Parece ter sido arrancado de uma sala de reuniões em Wall Street naquela manhã. Com uma camisa tão rígida como o ar à minha volta e um queixo igualmente bem definido, digita uma mensagem no telemóvel como se quase ter-me matado fosse apenas mais um inconveniente no seu dia.

Mas, observando-o mais de perto, vejo falhas na imagem de banqueiro de investimentos que inventei para ele. Há tinta preta a espreitar por baixo das mangas dobradas da camisa. Videiras, flores e corvos dançam ao longo dos músculos definidos de dois antebraços fortes, a asa de outro pássaro espreita pela abertura na parte superior da camisa. O cabelo escuro despenteado e cai-lhe sobre a testa em ondas despenteadas. Parece um pouco mais velho do que eu.

Um desconforto percorre-me a nuca e fico momentaneamente paralisada por um par de olhos verdes intensos que passam de irritados a curiosos quando termina o que quer que seja que estava a fazer, atira o telemóvel para a consola central e volta a sua atenção para a minha aparência desgrenhada.

O silêncio instala-se entre nós, a cabeça dele inclina-se ligeiramente para ver mais de mim. Sob a iluminação sombria da tempestade, parece etéreo.

Algo no fundo do meu peito grita-me para *fugir*.

Os olhos dele desviam-se da minha figura para o caminho sombrio à frente, antes de voltarem a fixar-se em mim. A curiosidade no seu olhar é mascarada por uma emoção que me faz dar um passo involuntário para trás.

— Preferes morrer a entrar? — pergunta ele, com um sorriso fácil a espalhar-se pelo rosto. A voz grave e o tom melífluo perturba-me; não combina com a sua aura ou com o olhar malicioso. Não consigo identificar o so-taque dele.

Afasto uma madeixa de cabelo que se colou aos meus lábios e olho para ele com cautela.

— Talvez.

Com dois dedos, ele coloca o carro em marcha-atrás.

— Vou recuar. Posso fazer com que pareça um acidente. Serias a minha terceira vítima do dia.

Talvez sorrisse se a minha cara não estivesse congelada pelo vento cortante.

— Ótimo. No final, podes atirar-me da ponte levadiça.

— Ouvi dizer que os peixes precisavam de ser alimentados. — A camisa imaculada enfuna sobre o peito largo quando ele se inclina para o outro lado para destrancar a porta do passageiro. Reparo no Patek Philippe à volta do seu pulso quando o pousa preguiçosamente sobre a janela do lado do motorista. — Entra.

Por entre o cheiro dos pântanos e de uma floresta banhada pela chuva, uma onda odorífera de couro e fumo toma conta de mim. Cada centímetro deste homem exala *berço de ouro*, o tipo de riqueza que a minha mãe e o meu pai me fizeram jurar que evitaria. A presença feia do luto faz-se sentir na minha mente, e o baque do saco de lona nas costas quando o passo por cima do ombro faz-me cair em mim e virar costas.

Mas um olhar verde e um sorriso arrogante fixam-se em mim, e dedos impacientes tamborilam na porta do carro.

— O que foi, comida de peixe? Estás com medo da minha condução?

As minhas botas derrapam na lama quando me viro para o encarar.

— Há algum motivo para estares desesperado para meter no teu carro uma rapariga inocente que encontres no meio do nada?

— Inocente — ele repete a palavra. Testa-a. Deixa-a pairar pesadamente entre nós, à espera que eu desmorone sob o peso da minha pequena mentira inocente. Exalo um palavrão e aceno em sinal de despedida, mas o motor ronrona e o carro arranca, parando bruscamente no meu caminho. Com a passagem bloqueada, os meus olhos voltam-se para a floresta dos dois lados do caminho acidentado.

*Há coisas más à espreita em Solemn Woods, Ophelia. Nunca entres lá.*

*Também há coisas más à espreita em carros de luxo, mamã, mas tu não estás aqui para me ajudar.*

Viro as costas e caminho com dificuldade à volta do capô, olhando com raiva para cada pedra, poça e galho que passo. O som da porta do carro a abrir causa-me um nó no estômago. Olho por cima do ombro e entro em pânico. O meu novo amigo desdobra a sua figura imponente e sai do carro com a graciosidade de uma pantera.

Eu devia ter escolhido a floresta.

Mais de 1,80 m de músculos bem definidos caminham na minha direção, cada movimento fluido e calculado. Instintivamente, procuro o canivete no meu bolso. Duas botas pretas param diante das minhas e sinto o seu hálito quente a fazer-me cócegas na orelha.

— Só por curiosidade, onde me esfaquearias?

Mantenho a voz firme, mas o meu coração bate acelerado, desconfortável. Não me dou ao trabalho de perguntar como é que ele sabia. Parece ser o tipo de homem a quem o próprio destino se curvaria.

— Na laringe, provavelmente. Parece ser a única forma de te fazer calar.

O seu riso, quente e espesso como mel, ameniza a picada do frio na minha pele. Antes que eu possa reagir, quatro dedos deslizam por baixo da alça do meu saco e atiram-no rapidamente para o banco de trás do carro. Os meus punhos cerram-se nos bolsos do casaco.

— Devolve-me o saco.

— Entra no carro.

— Vou a pé.

Ele morde o lábio para conter um sorriso, e sinto um frio no ventre. Juro, não existem homens assim onde eu cresci.

— E o que faz isso de mim? Um bagageiro de serviço?

— Faz de ti um ladrão.

— Antes sequestrador — responde, apontando para a porta do passageiro.

Começo a caminhar em direção ao castelo, mas há algo que me impede. O meu telemóvel está naquele saco. Através dos vidros esfumados, o meu olhar fixa-se no porta-chaves da sorte do meu pai, que balança na pega, e sei que a batalha está perdida. Prefiro perder o orgulho a ficar sem aquele pequeno pedaço dele.

Solto um insulto suficientemente audível para ele ouvir e deslizo para o banco da frente, deixando o meu cabelo molhado encharcar o couro creme.



Esboço um sorriso escarninho ao ver o estado das minhas botas e bato com os pés no tapete bege para tirar a lama.

Uma sobranceira escura arqueia-se na minha direção quando ele se senta no banco ao meu lado.

— O que vais fazer a seguir? Cuspir no porta-luvas?

Arrasto o meu olhar até ele.

— Não, vou cagar no painel de instrumentos.

Outra gargalhada, mais alta desta vez e mortalmente cativante. Ele aperta alguns botões e o couro sob as minhas coxas começa a aquecer. O som suave de uma música de piano emerge dos altifalantes. É confortável, mas não me permito relaxar. Há algo nele que parece um elástico prestes a rebentar.

— Sinto que tem de haver um meio-termo, comida de peixe. Cagar no painel de instrumentos parece-me radical, podias ao menos...

— Mijar no porta-copos? — Ele ainda não arrancou. Isto foi um erro. Não vai ficar bem nos jornais. *Rapariga morre num vale remoto na Escócia após entrar às cegas no carro de um desconhecido.*

Ele levanta uma mão ao ar enquanto a outra engrena a primeira.

— Exatamente. Hoje em dia, são todos muito rápidos a chegar a extremos. — Com o carro ainda parado, ele encara-me, passando os olhos pela minha roupa desarranjada e pela minha mala esfarrapada. — Estás a fazer cosplay do Oliver Twist?

— Vai-te foder. — Examinou a sua roupa ridiculamente elegante. Só lhe falta uma cartola e uma bengala. — E tu és o quê, o Artful Dodger?

Vejo o seu sorriso malicioso pelo canto do olho.

— Inteligente e charmoso?

— Não, apenas irritante. — Estendo a mão para a maçaneta da porta para sair, mas ele levanta as duas mãos em sinal de rendição e faz avançar o carro lentamente. Ele pode parecer descontraído, mas há algo que não bate certo; algo que se esconde naqueles olhos verdes que não é bom humor nem irritação. Algo mais profundo. Algo mais sombrio, mais voraz.

Um caderno de desenho aparece no bolso da porta do passageiro. Os meus dedos anseiam para lhe tocar, para espreitar dentro de uma mente que não é a minha.

— Não faças isso.

— Não vou julgar os teus desenhos do Rato Mickey.

Ele resfolega, com os olhos fixos na estrada enquanto desvia o carro de um tronco caído.

— Sou mais fã da Minnie.

— O que tens ali *dentro*?

O brilho nos seus olhos é assustador.

— São desenhos de todas as minhas vítimas anteriores.

*Bem.* Acho que a culpa é minha por ter entrado no carro.

— Uma divorciada, uma decapitada, uma morta?

Ele lança-me um sorriso malicioso, que nada tem de caloroso ou reconfortante.

— Outra divorciada e outra decapitada. Com alguma sorte, talvez sobrevivias.

Fantástico.

O carro desliza sem esforço pela estrada esburacada até ao campus. É a minha primeira oportunidade a sério de absorver tudo. Gárgulas choram lágrimas de chuva à medida que passamos por elas, cada uma mais angustiada do que a outra. Uma cerca de ferro pontiaguda delimita Solemn Woods, mas não impediria ninguém de entrar.

E eu não quero entrar.

Sinto um arrepio na espinha e, pela primeira vez desde a viagem de comboio de sete horas e a viagem de autocarro de três horas, percebo o quão isolado é este lugar.

Diante de nós ergue-se sobranceiro o Castelo Sorrowsong, uma fortaleza centenária incrustada na encosta da montanha. Paredes grossas de pedra formam torres que sustentam orgulhosamente o telhado contra um céu negro. A paisagem foi castigada e destruída pelos elementos, mas o castelo permanece altivo e intacto acima do rio, do lago e da densa floresta que se espria aos seus pés. A chuva plúmbea fustiga as pedras e os troncos das árvores cinzentos. É como se o criador de tudo o que nos rodeia tivesse ficado sem tinta quando chegou a este lugar. Até a relva tem um tom baço de verde.

Sinto um nó no estômago e tiro o telemóvel do fundo do saco. *Sem rede.* Não que eu tivesse contactos, seja como for, mas isso só agrava a sensação de náusea.

Três anos. Só tenho de sobreviver três anos e depois nunca mais voltarei a pôr os pés neste lugar.

Uma mão grande repousa preguiçosamente sobre o volante, a outra tamborila na coxa enquanto ele quebra o silêncio desconfortável.

— Ainda não me disseste o teu nome, comida de peixe.

— Tu também não me disseste o teu.

Ele guina o carro tão repentinamente do piso irregular que bato com a palma da mão suada no vidro frio da janela. O carro entra numa das duas vagas decoradas com placas douradas onde pode ler-se *Reitor*, e o meu novo amigo — que duvido muito que seja o reitor — desliga o motor.

— Alex. Chamo-me Alex.

*Alex.* Há algo nele que me parece familiar. Um sinal de alerta piscou al- gures na minha mente, mas era demasiado difuso para conseguir descortinar a legenda. Há um motivo para a minha mão não ter tirado o canivete do bolso; só tenho de descobrir qual.

O rugido do motor e o barulho dos galhos partidos sob os pneus estão agora silenciosos; só o som suave da chuva a bater no para-brisa é que nos faz companhia. Ele observa-me preguiçosamente pela primeira vez, demorando-se, por um breve instante, na parte molhada da minha camisa por baixo do casaco. Volta a fixar-se nos meus olhos, com um sorriso sedutor a revirar o canto da sua boca para cima enquanto tira um cigarro de uma caixa de metal que está no painel de instrumentos. Coloca-o entre os lábios e a chama do isqueiro faz a malícia nos seus olhos brilhar com mais intensidade.

— Talvez tenha exagerado com a referência ao *Oliver Twist*.

Com a respiração presa pela tensão espessa que se sente no carro, puxo a bainha da saia ligeiramente para baixo e pego tanto no saco de lona como no saco de pano. Com um adeus murmurado e o olhar disperso em tudo menos nele, deixo o Alex e começo a correr em direção aos portões do castelo. Sinto o seu olhar a queimar-me a nuca, mas não me viro para trás.

Não estou aqui para perder tempo com homens tão bonitos que chega a ser crime. Estou aqui apenas por duas razões: para me formar na única universidade no mundo que tinha um lugar para mim e para descobrir porque morreram os meus pais a cerca de um quilómetro e meio de onde estamos estacionados.





## CAPÍTULO 2

### OPHELA

As tábuas da ponte levadiça soam assustadoramente ocas enquanto as atravesso a correr, como se algo estivesse a apodrecer debaixo da fachada lisa, algo ansioso para me arrastar para baixo. Não há tempo para pensar; arrasto os membros doridos e o saco a abarrotar para o interior do impressionante salão principal.

É estranho pensar que nunca entrei aqui, tendo em conta que passei a maior parte da minha infância nas proximidades. Os meus pais nunca conseguiram sair do nosso bairro social, e apesar de terem trabalhado aqui durante 10 anos e de lhes ter sido oferecida uma casa para funcionários na propriedade, nunca me trouxeram ao castelo. O meu pai fez tudo para garantir que nem um único dia da minha infância fosse passado entre estas paredes, mesmo que isso significasse noites passadas longe de nós e longas deslocações entre casa e o trabalho.

Nunca percebi porquê. Há dramas aqui, mas sobretudo entre os filhos de famílias rivais. Nunca se meteriam com uma estranha. Ou talvez isso seja apenas uma ilusão.

O salão está vazio, mas há um zumbido cada vez mais ténue no ar, como se o espaço estivesse cheio de vida ainda há pouco. No teto, um lustre balança ligeiramente, com os cristais polidos a tilintar baixinho quando o vento passa pelas frestas entre as telhas. O mosaico debaixo dos meus pés retrata o brasão da escola em tons suaves de branco e castanho, mas a minha atenção é atraída pela peça central da sala.

O quadro que está à minha frente deve ter uns quatro metros e meio de altura, e ocupa um vasto painel de parede entre duas escadas em espiral.

A mulher na obra de arte está suja e empoeirada, encurvada sobre uma rocha numa paisagem desoladora. Lágrimas e sangue fresco brilham nas suas faces encovadas, mas sob os fios oleosos de cabelo loiro, os lábios formam um sorriso tresloucado.

As cores são opacas, como se o próprio quadro tivesse sido sujeito a anos de negligência, mas os quatro objetos que ela tem na mão são tão vivos como se tivessem sido pintados hoje de manhã. Não é preciso ser um génio para descobrir o que são. Estão estampados em todos os estandartes pendurados nas torres.

Hemlock, Nightshade, Cortinar e Snakeroot. Quatro plantas mortais. As quatro casas da Universidade Sorrowsong. Que universidade tem *casas*? Parece algo saído de um livro de fantasia assustador.

Os meus olhos fixam-se no sorriso arrepiante da figura, e é então que me dou conta de outra presença ao meu lado.

— Lindo, não é?

O senhor mais velho que aparece à minha esquerda encarna uma beleza clássica que desafia a sua idade. Vestido impecavelmente com um fraque, cujo tom de vermelho é tão escuro que suga o brilho do resto da pele grisalha, o homem parece a memória de uma era passada; um fantasma preso no castelo que pode ter tropeçado acidentalmente no século errado. O bigode fino que adorna o lábio superior devia parecer ridículo, mas só contribui para realçar o seu visual de cangalheiro vitoriano.

A vasta extensão do salão principal já não parece tão ampla, a presença dele é tão imponente que quase me pergunto se haverá ar suficiente para ambos continuarmos a respirar.

Inquieta, devolvo o meu olhar ao quadro. Sinceramente, não tenho a certeza de que *seja* bonita. Não consigo perceber porque haveria alguém de pendurar um quadro tão assustador num espaço onde as pessoas dançam, comem, estudam e socializam.

— Acho que sim, dependendo do gosto — murmuro, com receio de que, por algum motivo, a mulher do quadro me possa ouvir.

Ele alisa o bigode entre o dedo médio e o polegar, perdido no próprio devaneio.

— É Áclis.

Cruzo o meu olhar com os seus olhos estranhamente escuros e encolho os ombros.

— Nunca ouvi falar.

— É considerada a personificação da tristeza. Quando Lord MacArtain construiu este castelo, a sua esposa adoeceu gravemente antes da conclusão dos trabalhos. Dia após dia, assistiu impotente enquanto o rubor da vida se esvaía do rosto da mulher, dando lugar a tons esmaecidos de verde e cinza. Enlouquecido pela antecipação da dor, declarou que a mulher era Áclis renascida. — Com isto, exala um suspiro cansado. — Ela tinha uma alma tão triste, mesmo em vida. À noite, quando não conseguia dormir, Lorde MacArtain jurava que podia ouvir os seus gemidos tristes misturados com o vento que fustigava os vales. Dizia até que podia ouvir os seus soluços silenciosos debaixo de água no lago. Dizem que ela ainda hoje assombra o castelo.

— Oh, que bom. — O mais certo é já ter irritado um fantasma.

*Sorrow song.* Acho que agora esse nome faz sentido. A história causa-me arrepios que parecem instalar-se confortavelmente, como se fossem ficar por algum tempo. Ao fim e ao cabo, o amor faz de todos nós tolos. Aceitei uma vida sozinha. *Quero* uma vida sozinha. Se odiasse os meus pais em vez de os amar tão intensamente ao ponto de isso me consumir, a minha vida seria muito mais fácil agora.

Sinto o olhar de Áclis na minha face e viro-me para ela mais uma vez. Não parece triste — talvez no corpo, mas não no espírito. Ela parece *maléfica*.

— Se a ideia é representar a tristeza, porque está ela a sorrir?

O homem ri-se como se eu tivesse dito uma piada, e a corrente de ouro do seu relógio de bolso desliza por entre os seus dedos pálidos.

— Deveras. E porque deu ela flores venenosas a Hera? As pessoas tristes nem sempre merecem a nossa piedade como pensamos. Todas têm um limite em que abandonam a própria moralidade, Ophelia Winters, até você.

Os mecanismos da minha mente começam a girar, enquanto tento lembrar-me se alguma vez disse o meu nome a este homem. Não disse. Tenho a certeza que não disse. As suas palavras assustadoras pairam no ar entre nós, afundando-se na minha mente sem serem convidadas e muito menos bem-vindas.

Ele bate as mãos abruptamente e coloca-se à minha frente, observando-me atentamente por alguns segundos, como se estivesse a ler um diário dos meus pensamentos mais sombrios e desejos mais profundos. Será que ele vê o meu coração maculado? Será que ele vê a raiva insondável que o mantém a bater? Será que acha isso interessante, ou será que eu fico muito aquém dos outros monstros daqui?

— Muito bem. Tenho outros assuntos a tratar. Espero que compreenda como é incomum que a universidade permita a entrada de alguém por caridade, Miss Winters. Não fique para trás nos estudos. Isso torna-a uma presa fácil.

— Seria capaz de me expulsar? — Prefiro acreditar que foi isso que ele quis dizer, em vez de algo mais sinistro. Isso não é uma opção. Não se eu quiser escapar ao ciclo eterno de desesperança em que estou presa desde os 17 anos.

Um sorriso desconcertante enrugava a pele translúcida à volta dos seus olhos enquanto ele se afasta de mim alguns passos e inclina o chapéu na minha direção. Gira sobre o calcanhar dos mocassins cor de vinho e abre uma porta embutida no quadro na qual eu nunca teria reparado.

— Há coisas muito piores em Sorrowsong do que a expulsão. Suba pela escada da direita, segunda porta à esquerda.

E, com isto, vira costas, deixando-me sozinha na escuridão sufocante do salão. Sinto o martelar do coração nos ouvidos, abafando o som dos corvos que me sobrevoam nas vigas. O grito de um corvo ecoa dentro da lareira aberta na outra ponta, levando-me a acelerar o passo em direção à escada.

Não gosto desta sala. Há algo nela que me parece sinistro e me faz querer passar o mínimo de tempo possível aqui. Este lugar, aquele homem, o quadro — tudo me causa arrepios.

A oferta de um curso pago na Sorrowsong parecia um golpe de sorte impossível, demasiado generoso para recusar. No entanto, enquanto avanço apressadamente para mais um corredor cheio de teias de aranha e mal iluminado, sinto um arrepio percorrer-me o corpo e pergunto se acabarei por pagar um preço muito maior do que qualquer propina. Mas não tenho alternativa, esta é a minha última oportunidade, o meu último recurso.

O homem no Salão de Áclis deixou uma coisa bem clara: um pequeno deslize e é o meu fim.

Se quiser ficar aqui, tenho de me destacar.

A primeira porta à esquerda é uma enorme porta dupla, com uma placa dourada iluminada pela luz das velas e pelos ocasionais lampejos dos relâmpagos, visto que a tempestade continua lá fora. *Cortinar Halls*.

Entre olhar nervosamente pela janela e sonhar acordada com qualquer outra vida que não a minha, li um pouco no comboio. A nossa inclusão numa das casas, por mais inútil que possa parecer, depende do ensaio de cinco mil palavras que enviamos como parte da nossa candidatura. A *Casa*

*Cortinar* é conhecida pela sua abordagem implacável e lógica a tudo, apostada em moldar personalidades criativas e inteligentes nos empresários e empresárias mais cruéis da sociedade. É a escolha de muitos dos alunos de Direito e Economia.

A Casa Hemlock é para os mais fortes e motivados, aqueles com resistência que se destacam em desafios físicos e testes à sua sanidade mental. Inclui alunos de uma grande variedade de cursos, mas a maioria faz parte de equipas desportivas.

A Casa Snakeroot formou uma longa linhagem dos melhores cirurgiões a nível mundial. É o destino de muitos alunos de Medicina. Só é pena que a maioria troque o atendimento aos doentes por uma carreira a aproveitar-se da elevada procura por cuidados médicos quando chega aos 30 anos.

E depois há a Nightshade, com um rol interminável de ex-alunos famosos: diretores-executivos, magnatas do ramo imobiliário e banqueiros de investimento, ao lado de famigerados assassinos em série, herdeiros da máfia e assassinos profissionais famosos.

Há um motivo para as instalações da Nightshade serem os únicos dormitórios excluídos do conjunto central de edifícios do castelo. Se as propinas de 70 mil libras por ano da universidade não assusta os candidatos, a sua reputação pouco recomendável pode assustar. Parece que todos os anos há alunos que desaparecem ou acabam mortos, e, geralmente, a culpa é da Nightshade. Se um diploma da Sorrowsong não fosse como um bilhete dourado para Wall Street, duvido que alguém se atrevesse sequer a cruzar a ponte levadiça.

*Fico contente por não ir para a Sorrowsong. Eles vivem a vida segundo um conjunto de regras totalmente diferente.*

As palavras do meu pai permanecem nas sombras da minha mente, onde estão as recordações que tenho dele e da minha mãe. Ele costumava voltar do trabalho cansado, exausto e com incontáveis histórias sobre os pecados hediondos que alguns alunos tinham cometido naquele dia: carros que explodiam durante a noite, alunos amarrados na floresta, cobras venenosas escondidas em fronhas de almofadas. Nunca soube ao certo quanto era verdade e quanto era fruto da sua imaginação hiperativa.

Felizmente, vou integrar a Hemlock. Estou em crer que o reitor só aceitou a minha candidatura devido à minha classificação nos campeonatos nacionais de natação. O meu lugar praticamente garantido na Hemlock é a única razão pela qual estou aqui.

— Ótimo, também estás atrasada. A palestra de boas-vindas é por aqui?

Uma voz feminina, com sotaque carregado, desperta-me dos meus pensamentos. Uma loira alta, bronzeada e de pernas longas, com um vestido branco elegante, dá-me um abraço caloroso, como se nos conhecêssemos há anos. Cheira a flores e a dinheiro, como aquelas pessoas que sabem para que servem todas as facas e garfos de tamanhos diferentes.

— Colette DuPont. É um prazer conhecer-te e um *prazer* estar aqui!

— Hã... — Ajeito o saco no ombro e aperto desajeitadamente a mão que ela me estende. — Ophelia Winters, e não tenho a certeza. Estou tão perdida quanto tu.

Ela dá um beijo sem tocar na minha cara e dá um gritinho de alegria como se eu tivesse acabado de dizer algo incrível. *Aterrorador*.

— Que lindo nome. O que estás a estudar?

— Psicologia. — Da escassa lista de oito cursos disponíveis na Sorrowsong, era o único que eu conseguia suportar. — E tu?

— Belas-artes. O meu padraço disse que vai ajudar-me a montar a minha própria galeria assim que terminar o curso. Ele ficaria muito desiludido se soubesse que me atrasei no primeiro dia. O meu motorista foi excessivamente cauteloso na estrada. — Ela pega na sua mala Hermès e vai conversando animadamente comigo numa mistura de inglês e francês enquanto nos aproximamos da segunda porta à esquerda. — Eras tu que vinhas no Rolls-Royce com o Alex Corbeau-Green há pouco? Apresentas-nos?

Os meus pés param bruscamente em frente à porta.

O facto trivial que a Colette partilha sobre os 250 mil seguidores que o Alex tem a mais do que ela no Instagram é abafado por um zumbido agudo nos meus ouvidos.

O mundo à minha volta desaba e eu deixo de estar no corredor. Estou de joelhos em frente à televisão na pequena cozinha dos meus pais, a ver fumo negro a subir das árvores queimadas. Estou a ver a centésima chamada para o meu pai ir para o correio de voz e a carregar no botão de chamada na mesma. Estou a tirar o dinheiro de emergência do cofre dele e a implorar ao taxista para conduzir mais depressa.

E logo a seguir estou à margem de tudo isso, a passar por baixo de um cordão amarelo e a serpentear por um mar de investigadores, engenheiros, repórteres e bombeiros. Estou a olhar para um emaranhado repugnante de metal enrolado num tronco de árvore, a sufocar com o fumo negro, a perguntar a um deus em que nunca acreditei por que foram eles e não eu.

A minha recordação desse dia é confusa, mas um detalhe ficou gravado na minha retina durante quatro anos. No meio aos escombros, duas palavras estavam escritas em cima de um pedaço de metal carbonizado e enterrado: *Green Aviation*.

Dedos meticulosamente arranjados estalam à minha frente.

— Terra chama Ophelia! Perguntei onde compraste as botas.

Abano a cabeça, expulsando o som dos meus próprios gritos da mente. A náusea agita o meu pequeno-almoço enquanto tento aceitar o facto de que um *deles* está aqui. O Alex é a única pessoa de quem nunca quis ser amiga, e falhei logo no início. Nunca mais. Solto um suspiro trémulo para acalmar o pânico no meu peito e finjo que o mundo à minha volta não está a girar.

— Hum... Não me lembro. Em segunda mão, acho eu.

Outra risadinha quando paramos no corredor.

— Bonitas e sustentáveis. Preciso mesmo de fazer menos compras. Esta é a porta certa, não é?

Faço uma pausa com a respiração suspensa, numa mistura de nervosismo normal com medo existencial paralisante, que ameaça tomar conta de mim. É agora. Fugir ou entrar. Ser uma pessoa normal ou ser uma graduada da *Sorrowsong*. Jogar pelo seguro ou...

Colette empurra as portas duplas e entra com uma confiança inabalável e um sorriso alvo como titânio. O barulho dos seus sapatos ecoa junto aos enormes estandartes de veludo pendurados no teto alto. A sala é quase tão grandiosa como o Salão de Áclis, com fileiras de bancos em ambos os lados e um longo corredor que termina num pódio. A arquitetura impressionante sugere que foi construída para servir de capela, mas duvido que seja esse o propósito atual.

— Desculpem o atraso!

Cento e cinquenta pares de olhos pousam sobre nós. Perto de mim, reconheço a Mura Sayari, mas só porque a supermodelo e herdeira de uma empresa de tecnologia japonesa de 19 anos está na capa da revista de moda que tenho no meu saco. Só a comprei porque não havia cadernos de palavras cruzadas na estação rodoviária. Desde que entrei no autocarro, descobri dez novas inseguranças: O que é um hip dip? E porque estou preocupada em ter um? Passei metade da viagem a tentar descobrir se tenho olhos de corça ou olhos de raposa.

É óbvio que os meus quatro anos a lamentar-me na cama me fizeram perder os avanços do mundo.



A entrada de rompante da Colette deitou por terra o meu plano de fazer uma entrada discreta. Agarro-me à esperança de ainda poder recuperar disto, mas as minhas pernas recusam-se a mexer. Estou paralisada por algo — *alguém* — que me lança um olhar incandescente que me queima a face. Os meus olhos são atraídos para cima por uma força irresistível e, naquele mar de rostos, pousam imediatamente num. O tempo para e o tique-taque do relógio de pêndulo parece ficar submerso em alcatrão. Sinto o meu rosto aquecer com uma raiva invulgar.

Parece que ele também é um aluno novo.

Um sorriso malicioso assoma aos lábios do Alex Corbeau-Green quando ele toca duas vezes no relógio e abana a cabeça na minha direção. *Que horror*, murmura, e os seus lábios acariciam cada sílaba de uma forma demasiado sugestiva para aquele espaço que já foi uma capela.

Podia ter sido charmoso há meia hora, mas agora que sei quem ele é, sinto uma certa repugnância pelo gesto. Ele está sentado com os Nightshade. Claro que sim; encaixa na perfeição. Abano a cabeça, tentando dissipar o feitiço que parece ter-se infiltrado no meu cérebro. Os meus dentes batem enquanto desvio o olhar. Sem dúvida que apanhei uma constipação.

O som de alguém a pigarrear lembra-me mais uma vez de que estou parada no meio do corredor, com as roupas e o saco a criar uma pequena poça aos meus pés. O homem que conheci no Salão de Áclis bate impacientemente no pódio com um dedo enrugado, o olhar de reprovação está fixo em nós as duas. Ao menos, é bom não estar sozinha. Acho que a maior parte da atenção masculina na sala está concentrada algures entre a parte de cima dos joelhos de Colette e a bainha do seu minivestido. Exceto a do Alex, mas ignoro a forma como ele me encara.

— Colette DuPont. O seu padrasto detesta atrasos. Sente-se com os seus colegas na Casa Cortinar.

— Eu sei, reitor Carmichael, sinto muito — diz ela, enquanto saltita para se sentar num banco com um grupo de raparigas perdidas de riso que parece conhecer.

Ela disse *reitor*? Será que insultei diretamente as suas escolhas de obras de arte? Será que posso começar o dia outra vez e tentar novamente? De preferência, sem quase ser atropelada pela semente do diabo?

— E você, Ophelia. Junte-se aos restantes Nightshade.

Respiro de alívio e deixo-me cair no banco que range à minha esquerda, antes de tirar o meu caderno húmido para anotar quaisquer fragmentos

de sabedoria que consiga recolher da palestra de boas-vindas. Talvez ainda consiga endireitar este dia.

Quando olho para cima e afasto os fios de cabelo ruivo dos meus olhos, percebo que todos estão a olhar para mim. O Alex passa o braço musculoso por cima do encosto do banco, virando o corpo intimidador para me ver melhor. O seu olhar brilha da mesma maneira indefinida que vi no carro. Um misto de fome e frustração, pondero. Sinto um arrepio na pele.

Olho para baixo para confirmar que não, a minha blusa cáqui não é transparente ao ponto de verem os meus mamilos, e depois olho para o reitor em busca de uma pista.

— Nightshade, Miss Winters. Não é Hemlock.

Sinto os ouvidos a zumbir. O bater do coração torna-se mais audível na minha garganta. Olho para os rostos solidários à minha volta. Eles parecem... gentis. Modestos. Acolhedores. É *aqui* que eu pertenço. Já fiz amizades imaginárias com eles.

— Deve... deve ter havido algum engano.

Risos pela sala, pontuados por um suspiro solidário de Colette. Alex não se ri, e o seu olhar escurece sobre mim enquanto me afundo no banco ao fundo da sala. O reitor bate com os nós dos dedos no pódio duas vezes.

— Nightshade, Ophelia. *Agora*.

Isto não pode estar a acontecer. Isto *não está* a acontecer. Talvez tenha sido atropelada pelo Alex, e isto seja um castigo cruel na vida após a morte. Meu Deus, tudo o que fiz foi roubar umas coisitas aqui e ali. E talvez tenha retalhado um ou dois pneus. Ou quatro. Mas o que é certo é que este castigo não corresponde ao crime.

A rapariga ao meu lado empurra-me para a beira do banco e eu caminho para o outro lado do salão sob o peso de centenas de olhos. Sento-me no banco mais distante do Alex, à espera do momento em que vou acordar e descobrir que isto é um sonho. Um aluno da Snakeroot inclina-se e sorri para mim, rebentando o balão da pastilha elástica na minha cara.

— Eles vão comer-te viva.



## CAPÍTULO 3

### OPHELA

**A**lgures entre o vigésimo e o trigésimo minuto do discurso do reitor Carmichael, o meu ritmo cardíaco desacelerou o suficiente para conseguir realmente ouvir. A sua voz, firme e fria, discorre incessantemente sobre o legado dos antigos alunos, o que significa ser um graduado da Sorrowsong e como quaisquer falhas no desempenho académico serão severamente punidas.

— Esta instituição *não* está com dificuldades financeiras. Por mais duro que possa parecer, não preciso de todos vocês aqui. Não vou lamentar a perda de um, dois ou mesmo dez de vocês. Se não nos provarem as razões pelas quais estão aqui, muito simplesmente vão deixar de estar.

A voz dele vai-se esvaindo, e a minha atenção concentra-se nas folhas de inscrição para as equipas desportivas na frente da sala. Há quatro vagas disponíveis na equipa de natação, e uma delas é *minha*. Preciso dela muito mais do que a maioria destes filhos de papás ricos. É o primeiro degrau na escada da minha formatura.

Ao terminar, o Carmichael lembra-nos de que em breve seremos recebidos pelos diretores das casas para depois sermos levados para os nossos dormitórios. Pouco depois, num lampejo de cabelos grisalhos e de um fato Brioni de bom corte, ele deixa para trás uma sala carregada de rivalidade e ambição.

Avanço diretamente para a folha de inscrição desportiva que está no púlpito na frente da sala.

Quando abro a página da equipa de natação, fico feliz ao ver apenas alguns nomes inscritos.

Pego na caneta, mas ela para no ar, outra mão segura na ponta oposta. Um anel de ouro familiar brilha na minha direção. *Meu Deus, poupa-me.*

— Larga a caneta.

— És mesmo uma simpatia, Ophelia. Já te tinham dito?

— Larga.

O rosto do Alex aproxima-se alguns centímetros do meu, e os seus olhos verdes refulgem divertidos.

Estou perto o suficiente para sentir o cheiro do aftershave dele. Perto o suficiente para reparar numa pequena contusão que decora uma velha cicatriz na sua sobranalha. Perto o suficiente para ver o humor brincalhão esmorecer.

— Não tens muito jeito para fazer amigos, pois não?

O comentário toca numa ferida sensível. Eu costumava ter jeito para fazer amigos. Hoje em dia, nem tanto. O meu dedo aperta a caneta prateada. É mesquinho. *Eu* sou mesquinha. Mas não vou permitir que esta família me tire mais uma coisa.

— Não há modalidades desportivas para nepotistas imprestáveis.

Ele passa a mão livre pelo cabelo e lança-me um sorriso falso. Tenho a certeza de que resulta com a maioria das mulheres. Comigo, não. Não agora que sei que há apenas maldade a correr nas suas veias.

— Há semanas que o Carmichael ignora os meus *e-mails* para adicionar «nepotismo imprestável» ao currículo.

— Estou a falar a sério.

Ele reprime um bocejo, e sinto o calor da pele dele a atingir a minha.

— Sabes, tencionava inscrever-me no rugbyrugby, mas lembrei-me de repente que sou um *excelente* nadador.

Aproximo-me e os nossos narizes quase se tocam. As suas pupilas dilatam-se, mas sinto as minhas contraírem-se de repulsa.

— Não te atrevas. Nunca serás aceite.

Um músculo contrai-se na mandíbula.

— Achas mesmo? Já tu parecias uma verdadeira atleta quando ficaste parada e quase foste atropelada por mim há pouco.

— Acho que qualquer pessoa consideraria pôr fim à vida se tivesse de enfrentar os próximos três anos na tua companhia.

O Alex solta uma gargalhada sombria e solta a caneta. Com a mão grande, enrola os meus dedos à volta da caneta.

— Podíamos fazer a nossa versão de *Romeu e Julieta*.

*Não, não, não.* Pressiono a ponta da caneta no centro do peito musculoso, que sobe e desce ao ritmo do meu. Canalizo todo o meu ódio, todo o meu desprezo pela família dele através do pequeno, mas escaldante ponto de contacto entre os nossos corpos.

— Já te topei, Alex. Se pensas que não consigo ver que estás a apodrecer por dentro, estás redondamente enganado. Afasta-te de mim, que eu retribuirei o favor.

Faço tenções de escrever o meu nome na lista da equipa de natação, mas quando o bico da caneta toca no papel, vejo o nome que está no topo da lista, escrito com tinta de cor diferente e caligrafia desleixada. *Ophelia Winters*. Limpo as palmas das mãos suadas à saia, inquieta.

— Foste tu que escreveste isto?

O Alex paira sobre o meu ombro, o calor do seu corpo quase derrete a minha pele gelada.

— Parece que esse teu feitio alegre e animado te valeu um admirador secreto.

A minha paciência esgota-se.

— Escreveste isto ou não?

— Não me deste nada para admirar secretamente.

É uma brincadeira inofensiva, ou até mesmo um favor, mas à semelhança da minha intuição em relação ao Alex no carro, sinto que há um grande letreiro néon a piscar as palavras *mau presságio* na minha mente. Mesmo com o saco aos pés, a estranha sensação de estar a ser observada tem-me incomodado desde que o táxi me deixou à entrada de Sorrowsong Valley depois de se recusar a ir mais longe.

Não faz sentido, mas tenho a sensação de que já fiz um inimigo aqui.

Enquanto o Alex rabisca no papel em tons de marfim, viro-me e junto-me ao final do pequeno grupo de alunos da Nightshade, que olham para mim como se me tivesse crescido uma segunda cabeça nos últimos dois minutos. O Alex junta-se aos alunos na frente do grupo com um toque casual nos ombros e uma gargalhada fria que ecoa pela capela.

Posiciona-se ao lado de uma figura imponente, cujo rosto é um labirinto de cicatrizes muito mais intrincado do que o expectável para alguém da nossa idade. Os dois começam uma conversa fácil em italiano que não consigo perceber, mas quando o Alex murmura algo baixinho, os dois viram-se para me encarar por um minuto desconfortável, até que uma mulher linda de cabelos escuros acena para a Nightshade sair pela porta lateral.



Pego nos meus sacos e sigo-os, mas paro junto à porta quando o vitral me chama à atenção. Não é como as igrejas do sítio onde cresci. Não há representações bíblicas no vitral. É Áclis, *mais uma vez*, refulgente em tons suaves de verde e castanho. Parece que não vou ser capaz de escapar aos seus olhos vigilantes.

Se Áclis não transformasse o sossego num silêncio assustador, reinaria a tranquilidade no salão agora vazio. Até o pó está parado, suspenso no tempo e permeado por raios de sol opacos.

— Esta obra de arte também não é do seu agrado?

Levanto os olhos para seguir a voz, e vejo o reitor Carmichael a olhar para mim do mezanino. Uma brisa de ar frio acaricia-me a pele dos braços arrepiando-me, e quase me pergunto se aquele homem é uma aparição. Não respondo à provocação.

— O meu lugar é na Hemlock, senhor. Certamente que percebe isso.

— Se acha que houve um erro, esteja à vontade para o reportar ao conselho.

Passo a mão pela cara, e o suspiro que solto é filtrado pelos dedos. Nada daquilo teria a mesma importância se não implicasse ser confrontada com a causa da morte dos meus pais todos os dias.

Olho para trás e encaro o olhar atento do Carmichael. Não consigo descortinar aquele homem. Não sei se ele está ali para me ajudar ou para me destruir. O sorriso gentil que assoma aos seus lábios não combina com o veneno que lhe dispara dos olhos.

— O mais provável é que um deles me mate.

Ele olha para o relógio de bolso e fecha-o com um estalido, quebrando o silêncio na capela.

— Perturbe ou seja perturbada, Ophelia. A escolha é sua. — Afasta-se do corrimão de madeira, mas permanece no mesmo lugar por um segundo em silêncio. — Vejo que se apresentou ao filho do Cain Green.

Sinto um nó no estômago.

— E qual é o problema?

Ele não se vira, mas quase consigo ver a expressão inquietante no seu semblante.

— Eu teria muito cuidado com os Corbeau-Green.

*O quê?*

— Porquê? Sabe de algo que eu não sei? — Dou alguns passos para trás para ver melhor a varanda, mas o reitor desapareceu.

Com o sorriso malicioso de Áclis nas minhas costas, corro pela porta da capela e entro num túnel sombrio. Estou perdida num castelo assustador, mas esse é o menor dos meus problemas. O que quis o Carmichael dizer com aquilo? Se ele sabe de algo, estará a ser enigmático só para me torturar?

Sei que os Corbeau-Green desempenharam um papel importante na morte dos meus pais. De alguma forma, um dia destes vou tornar isso público. Hei de derrubar a sua dinastia. Só preciso de uma última prova.



Após 45 minutos da mais confusa visita guiada ao campus de sempre, somos finalmente conduzidos para fora do labirinto de túneis e corredores mal iluminados e para o pátio que fica a norte do castelo. A nossa guia turística, e diretora da Casa Nightshade, é uma mulher italiana alta chamada Belladonna. Veste um fato elegante e sapatos de salto alto pretos, e avança por escadas instáveis e caminhos de calçada com uma destreza ímpar que me deixa roída de inveja.

Ela está no quinto e último ano do curso de Medicina e no terceiro ano como capitã da equipa de natação. Isso significa que preciso que goste de mim, mas quando ela estala as unhas vermelhas na cara de um aluno que está ao telemóvel, percebo que isso pode ser um desafio. Um desafio que, aparentemente, o Alex não tem problemas em enfrentar. Vejo a Belladonna desfazer a postura de aço para o abraçar com força, juntando-se a ele e ao amigo.

O pátio cheira a chuva e fumo de chaminé. A tempestade acalmou um pouco, mas um vento cortante ainda agita o meu cabelo húmido. Olho para o mapa no meu telemóvel, que é ainda mais difícil de descortinar do que o próprio castelo. Marquei o refeitório, duas bibliotecas diferentes, uma pequena loja e farmácia para alunos e a ala de psicologia, mas tudo o resto me parece esparguete.

O telemóvel voa-me da mão abruptamente quando sou empurrada contra o tronco de uma faia por dois outros alunos da Nightshade.

A julgar pela palidez cadavérica da pele, cabelo preto e olhos azuis gélicos, diria que são gémeos. O saco amortece a maior parte do impacto, mas perco o fôlego quando dois pares de lábios idênticos se curvam em rosna-dos ameaçadores.

— Com que então, não queres pertencer à Nightshade? — diz o rapaz, com uma mão à volta do meu pescoço.

Volto os olhos para o grupo que se afasta cada vez mais. Ninguém notou a minha ausência.

— Nem por isso.

— Pensas que és mais que nós? — pergunta a irmã, sacudindo o rabo de cavalo preto e liso por cima do ombro.

— Eu não disse isso — consigo dizer, enquanto o irmão cinge o aperto no meu pescoço. Os olhos dele estreitam-se antes de me soltar com um sacão violento.

— Vê por onde andas. Não vais querer cair no lago, pois não?

Os dois riem-se, e viram-se para se juntarem ao grupo enquanto me lançam um olhar venenoso.

*Bonito.*

Ainda agora cheguei e já tenho algumas costelas magoadas e uma má reputação. Pego e estudo o telemóvel que tinha caído ao chão molhado, mas não consigo perceber se está mais rachado do que já estava.

Uma rapariga bonita e pequena afasta-se do grupo quando me vê. Pela primeira vez desde que cheguei, recebo um sorriso reconfortante.

— Não liguês ao Kirill e à Sofia. Eles só estão na defensiva porque o território do pai deles em Nova Iorque está a diminuir mais depressa do que a linha do cabelo do reitor Carmichael. — Estende-me a mão. — Sou a Divya.

Máfia russa. Faz sentido. *Caramba.* Tão depressa estás a cortar um cupão de 15% de desconto em amaciador de roupa de uma revista e a tirar esparquete do ralo da pia, como logo a seguir estás a lutar pela vida no cenário de um filme do Al Pacino.

Aperto a mão da Divya.

— Ophelia. Também estás na Nightshade?

— Infelizmente. Que pecados cometeram os teus pais para vires parar aqui?

Um riso triste escapa-me dos lábios.

— Ainda estou a tentar descobrir. E tu?

— O meu pai detém maior parte do monopólio de insulina na Índia. Faço uma careta quando alcançamos os outros.

— Isso é grave.

— Sim. Adora aumentar os preços para os hospitais. Na verdade, ele também estudou Medicina aqui.

Não faz sentido.

— Não sei porque alguém se dá ao trabalho de vir para cá.



— Pelo bom tempo e pelas praias paradisíacas, claro — brinca, antes de abanar a cabeça. — É uma escola muito respeitada. Acho que a maioria dos alunos tenta colocar o máximo de distância possível das suas vidas familiares complicadas. Somos todos ricos, e nada estraga mais as relações familiares do que o dinheiro.

Paramos no centro do pátio. A torre da capela ergue-se atrás de nós, com grossas paredes de pedra pontilhadas por seteiras em cada lado. O espaço é escasso, revestido com azulejos que ganham um tom de carvão brilhante com a chuva. É a mesma paleta suave de cinzas e castanhos do resto do castelo, mas há algumas árvores e bancos espalhados pelo local. Se porventura o vale conseguisse escapar à tempestade perpétua que se agita por cima dele, aquele poderia muito bem ser um bom lugar para nos sentarmos.

Somos conduzidos por baixo da grade levadiça afiada para fora do complexo principal do castelo. Daqui, consigo ver montanhas e vales arborizados até onde a vista alcança. Os topos dos pinheiros perfuram uma espessa camada de neblina, esforçando-se por alcançar o céu pesado mais acima. Ainda não é meio-dia, mas está cada vez mais escuro. Penso nos meus comprimidos de vitamina D, esquecidos num armário frio e empoeirado em casa, depois de achar que não precisaria deles.

Aproximamo-nos de uma enorme mansão isabelina a algumas centenas de metros do castelo. Já a vi centenas de vezes *online*. *Nightshade Halls*. Dois estandartes roxo-escuro caem das janelas do último andar, bordadas com o lema da *Nightshade* em fios dourados. *Facilis descensus Averno*. Não desenferujei o meu latim antes de vir para cá, mas tenho a certeza de que quer dizer algo como a morte ser a parte mais fácil.

Enquanto estou debaixo da chuva miúda e me pergunto porque não aceitei um emprego a pagar o salário mínimo no café da pequena vila dos meus pais, o Kirill envolve-se numa briga com o amigo italiano do Alex. O ego masculino está em alta na *Nightshade*. *Maravilha*.

O grupo aplaude quando o amigo do Alex imobiliza o adversário, e estaria a mentir se dissesse que eu própria não fiquei um bocadinho satisfeita ao ver aquilo.

Viro-me e aprecio a cena. Estamos bastante isolados aqui. Se me acontecer alguma coisa... estremeço. Estava a brincar quando disse que só preciso de sobreviver três anos, mas agora não vejo a piada nisso. Organizo as minhas ideias e endireito os ombros. Estamos na Escócia. No século XXI. *Existem leis*. Ninguém me vai matar, ninguém vai morrer.

A Belladonna passa um cartão-chave preto na porta roxa da rua e informa-nos de que as residências do primeiro ano ficam no quarto andar da mansão. As dobradiças de latão rangem quando a porta abre, como se lamentassem a minha chegada tanto como eu. Entramos num átrio mal iluminado por velas na parede, que projetam sombras em retratos antigos encaixados em molduras douradas ornamentadas. O papel de parede desbotado com padrões desaparece por baixo de painéis de madeira, pontilhados por arandelas apagadas. Uma imagem saída de um filme de terror.

— O que se passa com as lâmpadas?

A Divya resfolega ao meu lado.

— A energia elétrica tem muitas falhas aqui. Há luzes, mas falham sempre que há uma tempestade, o que...

— É uma constante. Maravilha.

Há algo de sinistro nesta mansão.

Até os mais ruidosos que encabeçam o grupo parecem mais calmos. O chão de madeira range sob os pés, iluminado por finas faixas de luz que escapam através das cortinas vermelhas.

A Belladonna aponta para a porta da biblioteca da Nightshade e eu aproveito para dar uma espreitadela. É uma cena saída diretamente de um romance de Brontë. Fileiras de livros intercalam com sofás Chesterfield vermelhos e secretárias de mogno. Candeeiros de mesa clássicos envolvem a sala escura num brilho quente, transformando as teias de aranha em fios de cobre delicadamente urdidos. Um bar estende-se na parede mais a norte, repleto de garrafas de uísque com o tipo de preço para o qual eu e os meus pais apontaríamos e riríamos se vissemos num menu.

A porta seguinte do átrio abre para um ginásio tão escuro que é quase opaco. Fileiras e mais fileiras de halteres estendem-se na base de espelhos que cobrem as paredes do chão ao teto. O cheiro forte de metal choca com o aroma estranhamente reconfortante dos livros já muito usados da biblioteca. A Belladonna afirma com orgulho que a Nightshade tem o maior ginásio, os maiores bares e a menor supervisão.

Há outro bar com iluminação acolhedora na ala leste da mansão, este com jogos de dardos, mesas de póquer e bilhar. Torneiras de cerveja de latão polido encimam uma bancada de mogno lacada, alinhada com bancos de bar estofados. Além dos troféus desportivos da Sorrowsong e da mancha debaixo da mesa de bilhar que é quase certamente sangue, o bar é igual a qualquer outro. É estranhamente reconfortante.

Esta casa é como um labirinto, cada corredor escuro desemboca noutro que parece igual. A maçaneta de cada porta pesada é uma flor feita de latão. Uma flor mortífera. A minha parte racional sabe que são de metal, mas não lhes toco. Quem sabe que veneno se esconde entre estas paredes?

A Belladonna passa outro cartão-chave no átrio e leva-nos por uma escadaria escura em espiral. Os degraus de pedra são lisos e ligeiramente encurvados devido ao peso do tempo. Até as paredes parecem pesadas de uma forma que não consigo explicar. Como se estivessem repletas de histórias e segredos que não podem contar, ansiosas por ceder e esmagar aqueles que ousam penetrar naquele espaço.

Além de alguns empurrões excessivamente bruscos e insultos pouco inteligentes, os meus colegas de casa não me incomodam. Não gostaram muito que não me tivesse colado ao Alex na capela, mas ao menos ainda ninguém me esfaqueou. É um milagre pelo qual dou graças quando chegamos à nossa residência. Há dezasseis quartos para os caloiros, quatro em cada corredor.

Passo o cartão-chave na entrada do meu corredor e paro em frente ao quarto que tem um quatro dourado na porta. Vai ser bom ter o meu próprio espaço. Quando a tristeza tomar conta de mim, vou poder esconder-me aqui o dia todo. O meu santuário. Empurro a maçaneta da porta e entro.

Fico agradavelmente surpreendida. O quarto é grande, muito maior do que qualquer quarto onde já tenha estado. Duas camas de solteiro de bom tamanho, dois grandes guarda-roupas e duas mesas de cabeceira estão dispostos em perfeita simetria. Só a minha secretária é que foi parar ao lado oposto, visto que a mais próxima já está cheia de maquilhagem, produtos para a pele, cadernos, garrafas de vodca e material de estudo. *Aquilo que está em cima da mesa de cabeceira é uma navalha?*

Os meus sonhos idílicos de noites de cinema com a minha colega de quarto e de amizades femininas verdadeiras desfazem-se diante dos meus olhos. Até as minhas almofadas estão na outra cama, caramba. E presa à cabeceira da cama está uma tira de papel, rasgada da página de um livro.

*Quando as desgraças chegam, não vêm sozinhas, mas em batalhões.*

Reconheço imediatamente a citação de Hamlet. A minha mãe batizou-me com o nome de uma personagem do livro, e perdi a conta às vezes que o meu pai se sentava aos meus pés, na ponta da cama, a ler-me o livro. Sinto o mesmo que senti ao ver o meu nome no topo da lista da equipa de natação; ao ouvir o estranho tom de voz do Carmichael na capela.

Sinto que estou perante uma ameaça.

— Olá, colega de quarto. — Um sotaque russo acompanha o som da porta da casa de banho a abrir, e eu viro-me para encarar a origem.

Sinto o meu estômago desabar sobre si mesmo.



UNIVERSIDADE DE SORROWSONG:  
ONDE O AMOR PODE CUSTAR-TE A VIDA.

Em Sorrowsong só estudam os filhos dos mais poderosos. Graças a uma bolsa de estudo, **Ophelia Winters** entra nesta escola de elite. Mas ela está mais interessada em **vingar a morte dos seus pais**, que ali ocorreu.

É então que o seu caminho se cruza com o do misterioso **Alex Corbeau-Green**. Bonito, intocável e filho do principal suspeito. Um monstro escondido por trás de uma bela fachada. Só que quando alguém começa a perseguir Ophelia, é Alex quem a protege.

SERÁ ELA CAPAZ DE DESTRUIR  
TUDO O QUE ELE AMA?

LIVRO 1 • UNIVERSIDADE DE SORROWSONG

OTHER SIDE

é uma coleção SECRET SOCIETY



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt  
📱 @secretsocietypt  
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-483-3



9 789895 894833

